



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**VALESCA ARAUJO**

**(depoimento)**

**2018**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-851

**Entrevistada:** Valesca Araújo

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Rio de Janeiro, residência da entrevistada. Via Skype

**Entrevistadora:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Data da entrevista:** 27/02/2018

**Transcrição:** William Charles Osório Gomes

**Copidesque:** Mayara Cristina Mendes Maia

**Pesquisa:** Mayara Cristina Mendes Maia e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 20 minutos e 54 segundos

**Páginas Digitadas:** 30 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da tese de doutorado de Mayara Cristina Mendes Maia intitulada *(Des)impedimentos no futebol de mulheres: coloradas e gremistas de volta aos campos*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em fevereiro de 2021.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação; Carreira na gestão do esporte; Atuação no futebol; Inserção na Confederação Brasileira de Futebol; Cargo que ocupa na Confederação; Seleção Feminina; Seleções de Base; Competições; Calendário; Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino; Grupo de Trabalho de Desenvolvimento do Futebol Feminino; Política Interna da Confederação Brasileira para o Futebol Feminino; Determinações da Federação Internacional de Futebol; Trocas na comissão técnica da Seleção Brasileira de Futebol feminino; política de investimento; Perspectivas futuras para o futebol de mulheres.

Porto Alegre, 27 de fevereiro de 2018. Entrevista com Valesca Araújo a cargo da pesquisadora Mayara Cristina Mendes Maia para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Olá Valesca, muito obrigada por me conceder esta entrevista, eu sei que o tempo de vocês é muito corrido.

V.A. – Não, imagina. É um prazer. Sempre bom contribuir porque você também sabe que o futebol feminino ele carece de muitas ações práticas. A gente acaba não tendo muita ação prática, então, sempre estou disponível, sempre colaboro com quem está querendo contribuir positivamente. Então é um prazer poder contribuir, eu que agradeço por você me da oportunidade também de falar e de ser ouvida e tudo mais.

M.M. –Eu espero poder dar até retorno para vocês com essa ideia de como o Grêmio<sup>1</sup> e o Inter<sup>2</sup> se posicionou diante das determinações da CBF<sup>3</sup> o que também acaba sendo um pouco da resposta da atuação de vocês aí dentro, não é?

V.A. – Sem dúvida.

M.M. – Bem, eu queria começar pedindo para que você falasse um pouco sobre você mesma, de onde você é? Como entrou no futebol?

V.A. – Eu sou formada em Educação Física já há muito tempo e sempre gostei muito da parte administrativa, digo nas administrações esportivas, a parte de organização, a parte mais digamos assim burocrática de eventos esportivos, de competições. Então comecei em Curitiba<sup>4</sup>, sou de lá e no meu último ano da faculdade eu entrei nessa parte mais de organização de eventos que foi me abrindo portas. O primeiro evento que eu fiz, eles... Teve uma duração de dezesseis anos, anual, aí a gente foi conhecendo pessoas e tive a oportunidade do dono desse evento vir para o Rio de Janeiro. Ele me convidou também lá

---

<sup>1</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>2</sup> Sport Club Internacional.

<sup>3</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>4</sup> Cidade do Estado do Paraná.

em 2005 pra vir para o Rio que era às vésperas do Pan-Americano<sup>5</sup>. Aí eu vim, comecei a trabalhar no Comitê Olímpico, fiquei cinco anos e meio lá. Fiz as Olimpíada Escolares, fiz o Pan-Americano, fiz a preparação para os Jogos Olímpicos de Pequim, eu não fui, mas toda parte pré eu trabalhei, na parte eventos. Não exatamente na parte técnica e a partir daí eu tive o convite para ir para a Copa do Mundo, também de pessoas de *network* que eu fui fazendo e eu fui para o comitê organizador da Copa em 2011<sup>6</sup>, lá eu fiquei três anos e Fiquei de comecinho de 2011 até a entrega final dos relatórios que acabou acontecendo no final de 2014, não exatamente quando acabou a Copa, mas fiquei mais alguns meses fazendo todo fechamento. Desse trabalho na Copa do Mundo e tal, totalmente envolvido com o futebol foi onde começou a minha vida com o futebol, surgiu o convite um mês depois para vir para a CBF, focada no feminino pela campanha da FIFA<sup>7</sup> de trazer mulheres, de aumentar os espaços para as mulheres e tal, tal, tal... Tinha uma cobrança, como o programa de legado que é uma verba, um dinheiro destinado... É como se fosse, a grosso modo no nosso vocabulário e brasileiro, seria divisão de lucros da Copa do Mundo, não se usa esse temos mais a grosso modo é isso. Então o Brasil receberia um montante financeiro e desse montante tinha os percentuais no que deveria ser usado. Um dos percentuais era direcionado para o futebol feminino e eles pediram que uma mulher fosse a responsável por isso. Então veio o convite e eu assumi a gerência de desenvolvimento do futebol feminino lá em 2015.

M.M. – Quando você diz eles, é a FIFA?

V.A. – É, é a FIFA. A FIFA exigia, essa campanha muito forte da introdução da mulher, de aumentar os espaços mulher no futebol, não especificamente no feminino, mas acaba sendo que o feminino é o que ainda tá muito em aberto, os cargos estão muito em aberto e tal, acaba tendo mais espaço para a gente começar atuar nesse meio. Eu fiz um pouco o caminho inverso porque eu comecei no masculino, depois vim para o feminino, mas de qualquer forma a gente... Eu aqui acabei trabalhando tanto em um como no outro, acabei trabalhando nos jogos da eliminatória da Copa<sup>8</sup> e tal, então eu não ficava focada exclusivamente no feminino, a gente meio que... Eu e o outro rapaz que entrou na mesma

---

<sup>5</sup> Jogos Pan-Americanos.

<sup>6</sup> Copa do Mundo de Futebol Feminino.

<sup>7</sup> Federação Internacional de Futebol.

<sup>8</sup> Copa do Mundo FIFA de Futebol, realizada no Brasil em 2014.

época pela experiência da Copa a gente acaba contribuindo em tudo que era necessário assim de grande porte. É, nisso focada no feminino, só que por umas questões institucionais que estão na mídia e tudo mais esse dinheiro foi bloqueado, a gente acabou não recebendo na totalidade dessa verba toda, não só do feminino como de todos os outros percentuais. E nisso eles fizeram uma reestruturação interna e eu acabei passando para a área de competições, que é onde eu fiquei tentando desenvolver o [PALAVRA INAUDÍVEL] que a gente conseguiu essa mudança no ano passado, com duas divisões e tal. E no final do ano passado eu recebi um convite para ir para parte de seleções, de seleções nacionais, porque eu já vinha fazendo essa questão do feminino cuidando mais à frente e dando mais atenção assim para a demanda que acontecia e as pessoas foram me conhecendo e eu acabei contribuindo muito, às vezes para as seleções de base. Com a principal eu não tive muito trabalho, porque todo mundo quer a principal, então a concorrência acaba sendo muito grande e até por eu não ter essa experiência de seleção. Eu também gostei muito de ficar na base porque é onde é o grande aprendizado, onde nem todo mundo está olhando, onde você tem menos estrutura, menos verba e tal, então você realmente você acaba aprendendo a resolver problemas de uma forma mais dinâmica. E aí, no final do ano passado, teve o convite para vir definitivamente pra área de seleções que é onde eu estou hoje. Eu assumi a duas semanas, então hoje eu sou administradora das seleções de base, das seleções nacionais de base femininas. Então é mais ou menos essa minha trajetória: formada em Educação Física, especializada em Pedagogia do Esporte, totalmente focada na parte do esporte. E a entrada do futebol, fazendo um resumo, foi através da Copa do Mundo aqui no Brasil e agora na CBF.

M.M. – E nessa nova função que você está, você pode descrever um pouquinho algumas coisas que você faz? Algumas funções mesmo, atividades mais administrativas... Você está me ouvindo?

V.A. – Está picotando um pouco. Eu vou tirar esse microfone para ver se melhora. Eu acho que é o sinal mesmo, você pode repetir?

M.M. – Quanto a sua função de agora, você pode descrever um pouquinho do que você faz, algumas atividades que você faz aí?

V.A. – É, eu ainda estou no início, a gente está ajustando todas as tarefas, mas basicamente é buscar ações de desenvolvimento que trate... Não está voltado para a parte técnica, não atuo na parte técnica, questão de treinamento, de escolha de atleta, de convocação de atleta, na escolha de atleta a ser convocada, mas eu trabalho mais na parte de ações e atividade que possam desenvolver as meninas ou que tornem este período em concentração mais interessante. Por exemplo, eu sou a responsável por desenvolver a parte cultural dentro das convocações, dentro das viagens e principalmente ver o funcionamento, se está funcionando corretamente, tipo, se tem a disciplina necessária e às vezes se tem a flexibilidade necessária, porque você ficar com vinte, trinta meninas às vezes, quando a convocação assim não é de competição chega a ter vinte e sete meninas. Não é fácil, então você tem que ter o limite, mas você também tem que ser mais *soft*, saber acolher, saber conversar. Então a minha função mais é de diminuir as necessidades da atleta para que seja um ambiente muito favorável, porque a gente tem que... As meninas, principalmente as Sub-20, uma idade muito crítica, porque você tem opção de coisas, ou você treina muito para estar na seleção ou você pode optar por viver a vida, tipo sair, já é época de saída, já é época do namorado, já é época das descobertas e tal. Então você tem que tornar aquilo muito atrativo também para que seja agradável ficar ali na cobrança que elas têm, que é uma cobrança grande.

M.M. – Verdade.

V.A. – É mais ou menos isso. A parte de buscar, de manter uma *network* internacional, para buscar amistosos, para buscar intercâmbio, a parte de desenvolvimento de treinadores, que nem agora ela estava falando de um curso que a FIFA nos ofereceu uma instrutora para vir, organizar essa parte, a questão de financeira também: “Quanto vai custar? Invés da gente viajar vamos fazer um torneio aqui? Trazer as equipes? O que sai mais barato? O que é mais interessante para a gente?” Então, fazer todo esse estudo de melhor aproveitamento de tempo e de verba para que a gente consiga um desenvolvimento maior. E principalmente a parte de capacitação, de acompanhamento de quem está desenvolvendo, quem não está, na parte técnica, como diria assim, de pessoas mesmo, saber quem são as pessoas que estão buscando se desenvolver mais e tem mais capacitação ou que merece um apoio, ou que precisa de um apoio; qual é a equipe que mais oferece atletas em boas condições para a seleção, que chegam lá e estão bem: “O que esse treinador faz? O que

esse clube tem? Por que as meninas são tão diferenciadas?” Ou aquela que tem o potencial, mas está chegando muito mal. É ter esse olhar assim bem macro e tentar focar nos problemas e dar solução. É de tudo um pouco, aí quando tem as viagens eu acabo fazendo a parte administrativa também de cuidar de dinheiro, de verificar passagem, de fazer aquele controle que não técnico, tudo que a parte técnica não faz, de ver, alinhar cardápio, ver se o transporte vai chegar, que hora, fazer toda programação. Aí não sou só eu, tem mais uma ou duas pessoas que auxiliam nisso na época das viagens.

M.M. – E como é trabalhar dentro da CBF?

V.A. – Olha, pergunta difícil [RISOS]. É uma coisa que eu nunca sonhei, eu nunca me imaginei assim, eu venho... Eu fui atleta de handebol, mas é uma coisa surreal assim, porque o que está instituição representa, amada e odiada ao mesmo tempo, representa muito, então é uma grande... Ao mesmo tempo que é um grande privilégio, é uma luta diária, principalmente para quem está no feminino. Hoje eu digo que estar aqui é sensacional, a oportunidade e o espaço que se tem, mas eu não penso nele para mim por toda vida. Tipo eu estou aqui para abrir espaço para outras mulheres, para fazer um bom trabalho para que outras mulheres tenha oportunidade. Então vocês estar aqui hoje é uma responsabilidade extremamente grande porque qualquer erro que as pessoas interpretem, que muitas vezes você não comete, mas que é interpretado como erro pode fechar portas, já teve alguns exemplos. Então é uma pressão diária assim, porque parece que diariamente você está sendo observada e você está sendo testada para ver qual vai ser a sua reação e ao mesmo tempo que você não pode ser muito permissiva. Você também não pode ser muito enfática, direta e curta e grossa como eu gosto de ser porque você acaba fechando portas, então a instituição em si, ela tem as suas obrigações que ela cumpre basicamente, mas a minha função a minha luta é de conseguir que não seja só os básicos. É uma responsabilidade... Ao mesmo tempo que é uma responsabilidade imensa é um grande privilégio assim. Não é fácil, todo mundo acha: “O *glamour*, trabalha na CBF!” Isso aqui não é simples.

M.M. – A pressão é grande.



V.A. – A gente apanha dos dois lados. A gente apanha de quem está dentro e a gente apanha de quem está fora. Em geral é assim: quando a gente quer mudar uma realidade você pega uma bandeira e você quer realmente que aquilo melhore, que aquilo se torne uma realidade. É uma luta difícil, não é só aqui, porque é o que está... É outra mudança ela leva muito tempo e fica muita gente pelo caminho. Mas é basicamente isso, é um privilégio e uma responsabilidade imensa.

M.M. – E aos olhos da CBF, quais são as maiores dificuldades do futebol brasileiro hoje em dia?

V.A. – O futebol brasileiro ou o futebol feminino?

M.M. – O futebol feminino.

V.A. – O futebol feminino. É, são as teclas já super batidas. É a visibilidade, é aquela história de que não tem dinheiro porque não tem visibilidade, mas não tem visibilidade porque não tem dinheiro para transformar em um produto, em um produto interessante que é a minha grande frase desde que eu entrei aqui, três anos, que é assim: “Não vai ter visibilidade não vai ser rentável se não for um produto atrativo”. O que que é um produto atrativo? É você chegar em um estádio e ser legal, que é claro a gente não pode comprar com uma Copa do Mundo, mas é chegar num estádio com estrutura, um estádio limpo, pelo menos um estádio pintado que você sente e você não tem que escolher um lugar para sentar, é onde as meninas... Com vestiários descentes onde as meninas cheguem e tenha uma condição de jogar, que elas coloquem a bolsinha delas ali do lado e não tenha que separar onde está molhando e onde não está. É, enquanto a gente não tiver um produto bom vai ser muito difícil ter uma visibilidade, porque todo mundo quer o bonito, todo mundo quer o legal, ninguém quer... Quem vai hoje é quem leva o futebol feminino nas costas a muito tempo. Então hoje, o que a CBF vê como dificuldade é a questão financeira: “Vamos fazer isso, fazer aquilo, fazer aquele outro”. “Vamos!” Mas quem vai pagar? Eu sempre falo assim: “Tem que ter competições de base, ok, mas quem paga?” Porque quando se fala CBF, acha que é uma caixa forte e tal. O único produto CBF que traz renda é a seleção principal, todas outras de base feminina e masculino elas são pagas com dinheiro que vem

para a principal. Então assim, não é um posto sem fundo, a questão de ver o Brasileirão<sup>9</sup>, é Copa do Brasil, essas competições masculinas que são rentáveis, elas são pagas por pessoas que administram essas competições, que não é a CBF. A CBF chancela, de que é uma competição oficial, mas quem banca é a TV, quem banca é o patrocinador fora da CBF, o patrocinador da competição. Então hoje assim, a grosso modo e o que é se permitido dizer, o que trava muito é a questão financeira. Aí, sendo extremamente sincera, a Silvana<sup>10</sup> me conhece, eu não tenho papas na língua, eu falo porque eu acho que se você está fazendo um estudo é para ser sério e é para ser algo verdadeiro e como o que eu desejo é que o futebol feminino saia do *status* que ele está, mesmo estando aqui eu acabo sendo muito sincera assim: Falta muito interesse, muito interesse das pessoas, das diretorias, das pessoas, tipo de tomar aquele tempo e falar: “O que a gente pode fazer? Vamos trazer pessoas para desenvolver, vamos focar nisso, vamos fazer”. Esse interesse realmente falta, que é o que às vezes as atletas reclamam, que é o que as atletas atuais cobram, falta um pouco de querer mesmo assim... Aqui tem eu, tem a Bia Vaz<sup>11</sup> agora está aqui e a gente está super disponível para operar, só que não adianta pegar aquele curso que você me ouviu falar se não vamos fazer. Eu faço, na hora que disser: “Você pode fazer”, eu vou fazer, mas eu não posso simplesmente sair fazendo. Infelizmente a minha posição hoje não é de que eu tomo a decisão do que vai ser feito ou não e aí nesse ponto falta... Você me pergunta o que a CBF acha? Ela acha que falta dinheiro, eu acho que falta iniciativa porque a partir do momento que você tem uma área de *marketing*, você tem uma área de desenvolvimento, você tem uma área de competição, se as três sentarem junto a gente cria um produto que é interessante para o *marketing* vender e trazer o dinheiro. Agora esse interesse, essa vontade a ponto de mudar não existe. Tem a ponto de fazer o básico: “O que a FIFA exige? A FIFA exige seleção Sub-17, Sub-20 vinte e principal. Nós temos os Mundiais, então é isso que a gente tem!” “Tem que ter um campeonato nacional para desenvolver, para poder ter as seleções, então, tem um campeonato nacional. Mais que isso é obrigatório? Não, então...”. O torneio que eu fiz o ano passado foi... Não sei como é que eu não fui morta em um corredor aqui [RISOS]. Foi muito difícil, mas saiu e isso que vale, então. Mas assim: eu acho que os dois pontos é a questão financeira sim, porque sendo bem sincera, quando se fala “a CBF tem dinheiro...” Até tem, mas o custo é muito alto, para você ver, tipo, o Campeonato Brasileiro hoje ele custa mais de dez milhões de reais

---

<sup>9</sup> Campeonato Brasileiro de Futebol.

<sup>10</sup> Silvana Vilodre Goellner.

com as trinta e duas seleções e tudo mais. Custa dinheiro, você fazer uma categoria de base custa, porque o futebol tem essa característica diferente das demais modalidades que vocês pegam... “Vamos fazer um Campeonato Brasileiro de Vôlei.” Você reúne lá em duas semanas as equipes e em duas semanas você faz; o futebol você precisa dar o tempo de descanso, é um jogo muito mais desgastante em termo de correr e talvez os estudos ou as próprias regras façam com que ele seja mais longo. O próprio torneio nos Jogos Olímpicos começa antes do evento, então, tem toda essa cultura, todo esse histórico. Aqui você não pode simplesmente dizer: “Agora eu não vou fazer assim”, porque acaba encarecendo. Você tem que fazer o jogo de ida, o jogo de volta conforme o torneio; você tem os deslocamentos, muito difícil você fazer um torneio só que viajou, jogou e tal, até porque isso vão ser duas semanas em um ano. Como que você vai justificar uma equipe durar um ano para jogar duas semanas? Nenhum atleta quer isso, o atleta treina e quer jogar. Então tem esse empecilho, o financeiro é, assim preponderante e a questão que eu vejo de estar aqui é a questão do interesse. É ter assim, não alguém de tomada de decisão que queira levar para si e falasse: “Agora isso aqui vai ser a minha bandeira, eu vou fazer, vou mudar o futebol feminino”. Sempre brinco, tipo, estou aqui a três anos e consegui fazer muito pouco: “Quando que você vai conseguir mudar?” O dia que o presidente acordar e resolver que agora o futebol feminino é prioridade! Nesse dia vai mudar, ou o presidente, ou alguém fale: “Agora eu quero isso, eu vou mudar essa situação”. É questão muito mais de querer, de interesse, do que de poder e não poder, porque CBF tem esse poder. Quando ela quiser um patrocínio, agora principalmente que a principal está num bom momento, está promissora, ano de Copa do Mundo, consegue. E a questão das equipes, que se não precisa ter um patrocinador de terno, com um contrato de cinco anos, você pode ter um patrocinador para aquele evento; ir buscar, tem várias competições que sobrevivem dessa forma, vários parceiros, parcerias e tal. Solução tem, o que falta é essa vontade.

M.M. – Já falando dos campeonatos, a gente teve a vitória do Brasileiro, mas a gente sentiu com a perda da Copa do Brasil. E eu queria saber se a CBF pensa ainda em alguma chance dessa Copa do Brasil voltar ou se já tem outra perspectiva de plano para atender os times que ficaram fora?

---

<sup>11</sup> Beatriz Vaz e Silva.

V.A. – O que aconteceu? Isso inicialmente eu fui contra e depois, com o resultado do Brasileiro, eu vi que na verdade acabou sendo positivo. Tem essa perda da Copa do Brasil que era uma segunda competição no ano e o Brasileiro acabou muito encurtado perto do que era a proposta inicial. Então, quando a gente aprovou a troca do Brasileiro, de incorporar a Copa do Brasil no Brasileiro, por que acontece? Quando se tornou duas divisões, o dinheiro que ia para a Copa do Brasil veio para pagar, terminar de pagar esse acréscimo de doze equipe. Então se você pegar e fazer uma análise mais profunda, o que, acontecia? Você tinha vinte equipes no Brasileiro, que jogavam o Brasileiro e aí você tinha lá as trinta e duas do Brasil que tinha os clubes menores e tal que jogavam uma partida às vezes, duas partidas. Eu acho que, no máximo, na primeira fase eram quatro partidas. Você montava uma equipe para jogar um mês, que era um jogo por semana e tal. É, ok, agregava esses clubes menores, mas o que esses menores fazem? Eles juntam vinte meninas para jogar aquelas partidas, tipo, eles não têm um trabalho, até porque é o ovo e a galinha, ou é a bola de neve. Se não tem competição você não monta o clube, se não monta o clube você não tem competição, então fica nessa. Quando se pensou em um Brasileiro, nessa troca do Brasileiro era para se ter um Brasileiro durando de seis a oito meses e não três meses e meio como foi ano passado. Passaria de vinte para trinta e dois clubes, que agregaria esses clubes menores que teria uma estrutura mais eficaz assim, mais eficiente no caso, que realmente tivessem um clube que mantivessem as atletas. E aí aqueles clubes catados que a gente brinca, realmente eles não sobreviveriam porque na verdade é um clube catado, são as meninas que jogam a pelada, que vem, que se reúnem e vão para um campeonato que custa... Então a ideia inicial era fazer um Campeonato Brasileiro mais consistente, com duas divisões para dar chance de subir e de descer, ter esse movimento todo com uma duração muito maior. O que aconteceu? Era ano de preparação, aí trocou treinador, aí as datas que se fechou para fazer um campeonato de seis a oito meses pediram para reduzir porque já tinha compromisso assumido, isso e aquilo e ele acabou ficando encurtado por uma própria falta de comunicação interna. Não estou colocando a responsabilidade em ninguém fora não, uma falta de organização interna dos pouco departamentos que cuidam do feminino de falar: “Não, eu tenho isso aqui, vamos fazer o calendário de uma outra forma” e aí você também não pode... Tem os campeonatos estaduais que eles são quase inexistentes, exceto o Paulista e aí as federações também querem fazer seus campeonatos e fica aquela coisa de você alinhar num calendário que foi feito as presas e que acabou não sendo o que a gente queria. Para esse ano já foi conseguido fazer um calendário um

pouquinho mais extenso, ainda não chegou no que a gente queria. E o que se comprovou com essa história da... Copa do Brasil te respondendo: não se tem uma previsão de volta porque o valor que era da Copa do Brasil foi agregado ao Campeonato Brasileiro para as duas divisões. Então, a curto prazo não se pensa em ter um retorno da Copa do Brasil, pelo menos foi o que eu ouvi enquanto estava em competições. E o que que aconteceu justamente na A2 que seria o espaço dos clubes da Copa do Brasil; teve muito clube que continuou montando as peladeiras, porque a gente pegou pelo *ranking*. Tinha clube que estava sem atividade há três, quatro anos, teve time, equipe que emprestou todas as atletas para uma equipe da primeira divisão e ficou sem atletas e pegou as peladeiras para completar o time para não perder a vaga. Então acabou gerando a mesma coisa, tanto que o nível técnico da A2 foi muito baixo. Se você pegasse ali os últimos quatro que ficaram das semifinais e finais, foi onde deu um jogo interessante ou talvez mais dois ou três equipes. Então é um processo que ainda está em desenvolvimento, para esse ano a promessa já é outro, a ideia é que seja já bem melhor na A2, por quê? Porque obrigou-se a ter os estaduais, com quatro equipes. Então já pulverizou, entendeu? Aquele Estado que queria e tal... O próprio Rio Grande do Sul é o melhor exemplo: o Inter ficou por uma vaga fora, jogou o Estadual, manteve um plantel por um ano para conquistar a vaga agora para entrar e o Grêmio ainda entrou só para derrubar ele [risos], só para ficar com a vaga e acabou caindo. Então vão ficar até na mesma categoria agora, já movimentou um pouco os Estaduais. Então aquele clube pequeno pode jogar um Estadual e tentar essa vaga, aí com prazo ele poderia se organizar melhor. Então foi uma aposta! E, inicialmente fui contra, mas pelo movimento que gerou eu acho que acabou sendo muito positivo... Essa questão do movimento dos Estaduais eu acho que ajudou muito, cada Estadual fez; teve o Estadual que fez... Teve Estado que fez o Estadual com um dia de competição, teve lá um jogo. Mas assim, bem ou mal, se movimentou. E vai muito da cobrança que esses clubes tem que fazer é para Federação, porque eles viram que não vai ter, eu falei: “Gente, vocês têm que cobrar a Federação”. E a ideia justamente era essa, sair daqui e pulverizar, daí um cara cobra do Acre, cobre o de Roraima, cobra o do Espírito Santo, cobra desses estados que não são tão tradicionais e teve, tipo, a grande maioria do controle que a gente fez só um Estado não fez o Estadual. Então foram vinte e seis Estaduais, pequenos ainda, precários, sim, mas não tinha, então já foi um ganho. É, e agora está muito mais promissor, agora no final de março vão ter as seletivas, não sei se você está acompanhando, tem os jogos seletivos pra definir quais serão os...

M.M. – O Inter vai jogar contra o Náutico<sup>12</sup> agora.

V.A. – Isso. Ainda ficaram dois times tradicionais para se matar [risos]. É, então acho que esse movimento foi positivo. Respondendo de Copa do Brasil: realmente a curto prazo não se tem essa ideia. O que que acontece hoje? Bem ou mal a gente tem uma competição um pouco consolidada, melhorando, em vias de melhorar ainda mais em questão de produtos, em questão do que oferece de serviços assim oferecidos para os clubes e a ideia agora é focar um pouco na base, ter pelo menos uma competição de base. Por que o que aconteceu? No final do ano passado a FIFA resolveu liberar novamente esse dinheiro, essa verba, então a ideia é focar a ideia, não tem nada concreto, não tem data, não tem nada, é se fazer pelo menos uma ou duas competições de base para que também seja mais interessante para os clubes manter uma base. Não só manter um time principal que custa mais e tal, mas trabalhar com base. Às vezes você não precisa, você paga a estrutura, você não paga para criança jogar, para menina jogar; você vai pagar no profissional, uma base que tem que subir e tudo mais e vai contar para o clube manter essa estrutura como para a questão da Libertadores<sup>13</sup> e tudo mais.

M.M. – E obriga os outros... Convida os outros times a terem também categoria de base já tendo competição.

V.A. – Exato, porque o futebol ele é único, então tem isso tipo: o próprio Inter e Grêmio você vê... A vaga era do Grêmio, se o Grêmio não aceitasse entrava o Inter, então ele aceitou com um time bem meia boca, tanto que acabou caindo para não dar chance para o outro. Então, quem falou? Acho que foi um presidente de federação que estava aqui, foi o do Ceará, ele falou assim: “O time tal lá montou, agora já veio outro concorrente dizer: ‘meu Deus eles montaram, eu tenho de montar também’” Dai ele: “É, você tem que montar!” Ele incentiva muito o feminino, o presidente lá da federação do Ceará. Daí ele falou assim: “Você não pode ficar pra trás”.

M.M. – A rivalidade é saudável nesse sentido.

---

<sup>12</sup> Clube Náutico Capibaribe.

<sup>13</sup> Copa Libertadores da América.

V.A. – Um aliado que faz e aquilo desencadeia uma questão: “Se ele tem eu tenho que ter. Se ele vai fazer eu também tenho que fazer, eu não posso ficar para trás.” E assim a coisa vai andando, meio torta, mas vai andando.

M.M. – E você sabe dizer como essa comunicação da CBF com as Federações dos Estados assim, digamos assim, é fácil? Como é que é? É complicado?

V.A. – Não, ela é diária. Praticamente os presidentes de Federação pelo menos uma vez por mês estão aqui, mas eles vêm muito mais seguido, eu arriscaria dizer assim que para cada duas semanas eles vêm... Claro que não são todos, os que tem mais interesse não vem discutir o feminino, mas agora ele já me veio já falam: “No feminino estou fazendo isso, estou fazendo aquilo.” Muitas vezes nem é tão eficiente, mas só o fato deles falarem, de terem em mente, vai chegar um momento que uma ação vai sair. Mas geralmente através de ofícios, através de *e-mails* assim nas coisas mais... O ano passado eu, a cada dois meses, ligava para todas Federações para ver como estava, quando ia ser o Estadual, quantas equipes teriam, para ficar refrescando a memória deles que eles teriam que fazer e a maioria fez no final do ano, mas acabou de alguma forma eles movimentaram.

M.M. – O diálogo com o Rio Grande do Sul como foi?

V.A. – Na nossa visão acabou funcionando. A gente sabe que tem, que é muito longe do ideal, mas vocês estão muito à frente da maioria das Federações quem, bem ou mal, a chancela que a Federação estadual dá para a Associação<sup>14</sup> acaba funcionando muito melhor do que na maioria dos Estados que não tem. Por exemplo, comparando com Paraná que é aí do lado, que teoricamente aí o Sul ele é diferenciado, não tem nada. Eles fizeram um Estadual a fórceps porque eu fui conversando com as equipes, as equipes pressionaram senão não ia ter. Eles já tinham informado aqui que não teria e é um Estado que é desenvolvido também. Santa Catarina vai porque tem o Kindermann<sup>15</sup>, que é muito forte, também e queria e acabou entrando o Kindermann B como campeão estadual, está com outro nome lá, mas acaba sendo a mesma equipe. Então o fato de ter uma organização, mesmo que à parte, acaba sendo, na nossa visão e que a gente consegue ver... Claro a

---

<sup>14</sup> Associação Gaúcha de Futebol Feminino.

<sup>15</sup> Sociedade Esportiva Kindermann



gente não está aí no dia a dia, a gente não está aí para ver os problemas diários, o que acontece, o que não acontece, quais são os direcionamentos. E a gente vê que é um Estado que está fazendo um Estadual com várias equipes, um Estadual que já acontecia independente do Brasileiro. Então... A gente ouve também que poderia ser diferente, poderia ser melhor, claro, a gente mesmo sabe que as nossas ações de CBF poderiam ser muito melhores. Então ainda está muito à frente, como eu costumo dizer... Pode estar longe do ideal, tudo está muito longe do ideal que a gente quer, mas o envolvimento é importante. Tirando São Paulo que tem uma organização é o Estado mais rico e as pessoas mais capacitadas saem de lá e tal, tal, tal. Se eu não tenho nada parecido com o Estadual, o Estadual de São Paulo é mais longo que o Brasileiro, ele tem acho que oito meses levando em consideração que tem um mesinho de férias. Ele para, então essa extensão não é tão grande com jogos que são uma vez por semana... Enfim, eu não diria que a situação do Rio Grande do Sul é das piores não.

M.M. – Aqui o pessoal está esperando que saia da mão da Associação e vá realmente para a Federação<sup>16</sup> e vá para ficar porque, mesmo que tenha um grupo interessante na Associação, ele ainda é muito pequeno para tomar conta digamos de um Estadual. E com essa entrada do Inter e do Grêmio, movimentou tudo dos jogos. Elas conseguiram jogo dentro do Beira-Rio<sup>17</sup> que foi uma conquista emocionante para as meninas poderem jogar no campo dos ídolos delas. E o Grêmio já não conseguiu a Arena<sup>18</sup> e então foi todo aquele...

V.A. – Até onde eu sei o Grêmio. falei diretamente. com o...

M.M. – Yura<sup>19</sup>?

V.A. – Isso e ele falou que para esse ano eles teriam a equipe do Grêmio mesmo. Não seria a equipe da Associação como foi ano passado.

---

<sup>16</sup> Federação Gaúcha de Futebol.

<sup>17</sup> Estádio Beira-Rio.

<sup>18</sup> Arena do Grêmio.

<sup>19</sup> Júlio Titow.



M.M. – Isso, só que até agora não se apresentaram. E o campeonato está bem aí para se pensar uma equipe.

V.A. – A grande questão do feminino que a gente vive isso diariamente dentro da CBF, talvez até pior porque a proporção é muito maior, é que a gente nunca é prioridade, sempre tem um assunto do masculino mais grave para se resolver antes.

M.M. – É, certamente. E o Grêmio...

V.A. – Com certeza o Grêmio.

M.M. – O Grêmio está no topo, não é?

V.A. – E no Inter tem duas pessoas muito fortes que é a Duda<sup>20</sup> e a Tati<sup>21</sup>.

M.M. – Isso.

V.A. – Elas são fortes, elas são conhecidas e tal. A Duda talvez até mais. E no Grêmio alguém que está ali naquela posição para fazer a coisa acontecer, então é muito difícil. Eu vejo muito por aqui... “Vamos lá tentar resolver isso!” Aí você chega tem o Presidente preso, você chega tem presidente cassado e você chega lá tem milhões de assuntos que são prioridades. Tem a Copa do Mundo masculina e o feminino vai... Por exemplo, esse ano a gente tem dois mundiais de base, se a gente não se resolver aqui dentro da própria área de seleções, precisa de uma decisão é muito difícil porque tem mil prioridades ante tudo do masculino vem antes disso. A não ser quando a água bate na bunda como foi lá a reunião com as meninas. Aí tudo se resolve de uma hora para outra, fica: “Por que não resolvemos isso antes? Por que a gente não respondeu elas antes? Por que a gente...” Mas a prioridade: “Tinha que fazer isso, isso e aquilo”. E eu vejo muito isso nos clubes aonde não tem uma pessoa forte que tenha acesso diretamente ao presidente ou a diretoria, seja lá o que tem, você fica ali meio que mendigando uma decisão de ir dando uma resposta para você conseguir fazer o básico, tipo, dar um treino no campo, usar a sala de musculação...

---

<sup>20</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

<sup>21</sup> Tatiele Silveira.

M.M. – O Grêmio ainda nem começou e o Inter está na ativa com muita... Em tudo, é o tempo todo fazendo, já fez os testes, todos os dias está cuidando da mídia, já tem até a logomarca delas, as Gurias Coloradas, então está bem... E como acontece a comunicação da CBF com a FIFA e com a CONMEBOL<sup>22</sup>?

V.A. – Em que sentido? Na questão do feminino? Ou...

M.M. – Isso, na questão do feminino.

V.A. – Na questão do feminino é o mais complexo, porque na verdade a relação com a CONMEBOL é só no que diz respeito a competições, especificamente falando de feminino. Daí então não tem... Que nem agora: a gente está indo para o Campeonato Sul-Americano, então a gente está trocando várias mensagens a respeito do Sul-Americano, várias mensagens dentro do que foi no Equador e tal. Isso é mais pontual, não se tratando especificamente do feminino, tem secretarias gerais que conversam isso. A FIFA e CONMEBOL<sup>14</sup>, para os diversos assuntos, as determinações da FIFA, as determinações da CONMEBOL chegam tudo por uma secretaria geral e aí de lá é distribuído para a área pertinente. E existe uma área de desenvolvimento, que é também o apelido dela lá na CBF, que é CBF Social, essa área tem uma interface maior com a CONMEBOL que é da onde vem a verba que a Conmebol está trabalhando muito essa questão do desenvolvimento e é uma relação um pouco mais estreita. Mas não é na minha área é outra pessoa que é a responsável, isso eu vejo porque tem muitos projetos que vem para a gente implantar que vem de lá. Então eu consigo perceber que é uma relação um pouco mais direta e volta e meia tem gente aqui perguntando. Às vezes a CONMEBOL vem e visita, mas voltado mais para essa área de desenvolvimento, que na verdade é a área que mais tem provido dinheiro, então eles vêm verificar. Com a FIFA vem mais as determinações e tal, a gente responde ou acata, dificilmente tem alguma contestação porque o feminino principalmente, o básico do básico, é mais informativo assim e tal. Eu fiz um curso na FIFA onde eu tenho *network* muito forte, que eu falo quase que semanalmente com as pessoas e quando tem novidade a gente troca ideia ou quando uma lança um projeto em algum lugar todas ficam sabendo. Mas ela é quase que à parte, não é oficial.

---

<sup>22</sup> Confederação Sul-Americana de Futebol.

M.M. – E diante dessa realidade que teve das jogadoras<sup>23</sup>, digamos assim, esse momento, a FIFA se pronunciou em algum momento com vocês?

V.A. – Oficialmente não. Oficialmente não chegou nada.

M.M. – Nem a CONMEBOL?

V.A. – Não. A CONMEBOL muito menos, porque essas meninas tem um contato direto na FIFA. Elas tinham contato direto e a FIFA solicitou uma visita que ficou para início de maio, não confirmou ainda, mas a princípio vai ser no início de maio, mas para tratar assuntos gerais, não exatamente as que... Vai englobar as solicitações das meninas porque na verdade as solicitações delas são as solicitações básicas e são as ações básicas que realmente a gente precisa. Então...

M.M. – Inclusive a Cris<sup>24</sup> está para voltar, não é? Eu vi hoje uma postagem dela que ela está negociando os convites que ela...

V.A. – Sim. É, agora é data FIFA, que é aquela data que onde os clubes são obrigados a liberar jogadoras para treino, para amistoso e tal, começou ontem. Então provavelmente ela está chegando, nem que seja para conversar.

M.M. – É, agora me fugiu, estava com a pergunta na ponta da língua. E quais são os planos, claro, de maneira ampla, eu sei que como você falou são mais ideias ainda, mas quais são os planos da CBF para esse ano no futebol feminino?

V.A. – É dar uma potencializada no Brasileiro que já vai acontecer como consequência com as seletivas. Entrando a competição em si a gente espera que o nível técnico suba pela questão dos Estaduais que os clubes que cheguem na A2 estejam mais preparados assim, que a disputa seja mais técnica. Na A1 dificilmente vai mudar porque permanecem os mesmos clubes, só aqueles mais profissionalizados digamos assim, não diria profissionais, mas profissionalizados que tão há mais tempo buscando. Creio que na A1 não vai mudar

---

<sup>23</sup> Movimento de protesto protagonizado por algumas jogadoras e ex-jogadoras da seleção brasileira em 2017 desencadeado em função da demissão da treinadora Emily Lima.

muito, mas na A2 eu acho que sim, que vai ter um crescimento técnico. Está se falando na casa dessa implantação, de pelo menos uma competição de base, mas é inicial e tal. É, eu tenho os meus projetos básicos que é de um torneio de seleções, pequeno, quadrangular, mais o custo de tentar implementar isso, mas ainda está na questão financeira, de ver se aprova a verba para depois aprovar a parte operacional e tudo mais. É, vai ter o curso, aquele evento Somos Futebol no segundo semestre que é onde a gente tem um período para falar do futebol feminino, que a gente tenta trazer grandes nomes. Acho que a Silvana já acompanhou outros dois anos, a gente geralmente... Ele é em cima da hora, a gente não conseguiu trazer um nome de mais peso assim. Mas esse ano sendo no segundo semestre talvez e pós Copa do Mundo a gente consiga trazer um nome bem representativo para o feminino e tudo mais. E basicamente é isso: se a gente conseguir implantar a base, o torneio de base já vai ser um avanço assim imenso. E buscar assim, o que eu sempre peço para as pessoas, que eu sempre peço principalmente para as meninas, que a gente teve a reunião que a Silvana participou, é que elas nos indiquem pessoas capacitadas, por que o que acontece hoje? “Tem que ter mais espaço pra mulher”, “As ex-jogadoras têm que ser aproveitadas...” Mas onde estão as ex-jogadoras? Qual é a capacitação delas? Porque é o que eu digo assim, o espaço ele existe... “Não tem espaço no futebol feminino!” Tem, só que ninguém vai ter na diretoria de um clube, na diretoria de uma equipe, você vai ter que pegar a sua pastinha, bater na porta do clube e falar: “Vocês são obrigados a ter um feminino, você quer? Vamos trabalhar juntos?” E trabalhar dia após dia e abrir o espaço, sabe? É uma obrigatoriedade? É. Mas é uma coisa que você tem que chegar lá, abrir o terreno, plantar para colher a médio prazo. Todo mundo imagina “quero ir para o futebol feminino que tem espaço”, mas todo mundo quer ser o diretor, todo mundo quer ser o gerente, todo mundo quer ser o cara que manda e, na verdade, o espaço existe para quem quiser transformá-lo em algo produtivo, em algo rentável. Então eu me pergunto muito se sobre “tem que aproveitar as ex-atletas, mas quantas são capacitadas? Capacidade que eu digo não é com pós-graduação não, quantas tem o... Algumas não tem nem o segundo grau, quantas tem uma formação? Por que senão acontece: você traz e você fecha uma porta, você traz uma pessoa que não... Traz que eu digo para qualquer lugar, não digo nem na CBF, mas em um clube, em uma escolinha ou em uma instituição que quer apoiar e você fecha uma porta, porque às vezes elas não estão capacitadas. Elas vêm com aquela história de que foram vítimas e falam isso de uma geração muito atrás, uma geração de hoje que

---

<sup>24</sup> Cristiane Rozeira de Souza Silva.

está finalizando. Ela já tem uma outra cabeça, a grande maioria pelo menos o segundo grau já tem, muitas buscam a universidade, a própria Bárbara<sup>25</sup>... a Bárbara está jogando no Kindermann em Caçador<sup>26</sup>. Teve uma proposta, mas disse: “Não, vou terminar minha universidade, eu estou cursando aqui. Então eu vou permanecer lá até eu me formar.” Você pega anos atrás não tinha isso: “Vou jogar onde está pagando mais, eu vou jogar”. E a Bárbara, que não é mais nenhuma criança, ela vem de uma geração: “Eu vou terminar a minha faculdade”. Uma menina da Sub-20 falei assim: “Vai voltar pra casa?”, ela é de Recife; “Eu vou jogar no Sport<sup>27</sup> esse ano porque eu preciso começar a universidade. Eu só vou conseguir lá que eu tenho uma bolsa lá e eu moro com a minha mãe.” Ela já tem uma outra cabeça. Esse reaproveitar hoje de trazer as atletas, assim gente “quantas estão capacitadas?” Eu penso assim: se tiver gente capacitada a gente direciona, mas tem que ter pelo menos uma formação de universidade, um curso, alguma coisa. Todas querem a bolsa da Licença, só que para você ter a bolsa, para você fazer a Licença, você precisa ter boa capacitação ou uma experiência de no mínimo sete anos de temporadas completas. As temporadas que elas atuaram tem mais de vinte anos, não conta, infelizmente não conta porque tem um *gap*. Hoje o mercado te cobra muito, hoje você trabalhar com crianças, trabalhar com formação é muito mais crítico do que você trabalhar no profissional. Então se a gente quer fazer essa mudança do *status* do feminino, de posição do feminino, a gente tem que entender que a gente precisa de bons profissionais, a gente precisa de profissionais sérios que querem realmente, que não tão nessa cultura de que o futebol é assim mesmo. “Vamos fazer de qualquer jeito porque a gente está ganhando, vamos fazer de qualquer jeito porque a gente tem cinco estrelas, vamos fazer de qualquer jeito porque a gente é Brasil todo mundo respeita.” Não, o feminino a gente ainda não tem nenhuma estrela, no feminino a gente tem que conquistar pela... Sabe, não dá mais para a Marta<sup>28</sup> levar nas costas, não dá mais para Marta e Cristiane pegarem a bandeira e tentar resolver. Hoje em dia não está dando mais certo, já não deu certo, tanto que elas não têm um grande título, a gente tem que trabalhar de uma forma mais profissional mesmo. O que está dando muito certo na Sub-20 agora que foi uma troca: o analista de desempenho, o cara que faz análise de desempenho, estudou profundamente todos os adversários, tanto que a gente foi e

---

<sup>25</sup> Bárbara Micheline do Monte Barbosa.

<sup>26</sup> Cidade do Estado de Santa Catarina.

<sup>27</sup> Sport Clube do Recife.

<sup>28</sup> Marta Vieira da Silva.

ganhou o jogo com menor diferença foram dois gols. No Sul-Americano as equipes estavam preparadas não eram equipes ruins como de outras épocas que o Brasil passeava e não foi uma menina que resolveu, foi a equipe toda. Então se agregou um analista de desempenho que comprou a ideia e que é muito profissional, está dando muito certo, tipo... Provavelmente a gente tem muita chance no Mundial de ir muito bem porque está sendo feito um trabalho para ir bem. Vamos ver agora a Sub-17, então assim: tem espaço? Tem. Possibilidade existem? Muitas. Mas eu acho que a gente tem que focar nas pessoas que estão preparadas e eu sempre digo: “Me manda currículo que eu direciono.” Mas de dizer “a gente tem que reaproveitar as meninas, a gente tem que...” Eu falei: “Está bom, me passa o currículo, vamos direcionar”. A própria Dani Alves<sup>29</sup> que hoje é auxiliar da Sub-20 está fazendo curso, ela veio e falou assim: “Eu aceitei, mas eu preciso me preparar.” Foi ela que falou, não foi a gente que falou: “A gente vai te dar oportunidade, mas agora você tem que estudar, você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo”. Ela falou assim: “Eu quero, eu preciso. Eu, para estar aqui, eu preciso estar preparada para estar aqui.” E ela é daquela geração, mas que já está trazendo muita coisa, já tá percebendo que, se não for assim, não muda o *status* da modalidade e a própria pessoa vai ficar ali, mas não vai render tudo que poderia ou vai deixar de ter outras oportunidades maiores do que só “vou ficar aqui”. Porque tem muita gente que chega aqui e acha que é o suficiente, porque é muito legal você chegar na CBF e tal. Mas o cara pensa: “Já estou aqui, já está bom. Vou fazer o máximo para eu não sair!” E não ao contrário, justamente fazer o melhor para que todos cresçam, não é! É mais ou menos nesse sentido assim. Acho que eu fugi da pergunta...

M.M. – Não. Mas atendeu mais do que eu esperava foi ótima.

V.A. – Não sou só eu que falo mesmo, não fico defendendo: “A CBF é o melhor do mundo, faz tudo que pode”. Não! Podia fazer muito mais. Faz? Faz, não estou dizendo que não faz. E muitas vezes as pessoas não veem o que é feito de positivo, mas que poderia ser mais poderia. Poderia atender mais? Poderia. Poderia ser mais aberta e tal. Então...

M.M. – Ficam muitas... Eu vejo muitas ações, tanto é até que eu tive que fazer uma análise do *site* e tudo mais. Mas muitas vezes ficam muitas perguntas soltas, o caso da própria

---

<sup>29</sup> Daniela Alves Lima.

Emily<sup>30</sup>, do Vadão<sup>31</sup>, ali aquele momento... Claro, há especulações de um lado, especulações de outro e para a gente que é do futebol e ao mesmo tempo que é mulher, a gente fica se perguntando, tipo, será que era o momento mesmo dela sair e tudo mais?

V.A. – É eu e não a resposta da casa. Eu tenho... O que eu vi e eu tenho uma resposta do que eu ouvi. O que eu ouvi foi questão de resultado, ou é que não chegou e que não se podia. A casa não quis arriscar não classificar para a Copa América, que a Copa América ela classifica para os Jogos Olímpicos, Pan-Americano e Mundial. Se a gente for campeão da Copa América a gente está garantido, porque são mais três anos de trabalho. E a casa não quis arriscar, a gente está perdendo, está perdendo. Eu já entendo, te falando que tipo, ela estava mudando um padrão de jogo, ela estava iniciando um trabalho que nunca é simples. Nunca é simples você mudar uma coisa e iria colher mais a frente. Essa é a minha opinião.

M.M. – Porque na verdade se realmente vamos considerar que foi esse o ponto sem nenhum outro motivo, foi esse o ponto. Se eles tivessem, digamos, feito uma análise de outros treinadores e de outros momentos, eles veriam que tipo, dos resultados houve outros inclusive quem está na posição e também os adversários que foram enfrentados. No momento que a Seleção enfrentou, eu estava em Natal<sup>32</sup>, eu pude assistir o torneio, eu estive em outros momentos com a Seleção e eu pude ver quando ela entrava com os times mais fracos, digamos assim a baixo do *ranking*. E na posição dos Estados Unidos aquele jogo que a gente estava com o resultado ganho e depois voltou e perdeu, mas estar com o resultado ganho já mostrou que o sistema tático conseguiu entrar, conseguiu mudar. Então falado aqui abrindo espaço na entrevista, também tem uma questão de “se foi por isso, certo”, mas então não houve uma análise de outro momento da Seleção? Porque se não tivesse acontecido talvez ele teria enxergado que é o que você falou: eles não deram tempo para ter essa mudança.

V.A. – Toda mudança é a médio prazo, nada muda assim, principalmente quando você, quando a performance, quando você depende de um trabalho de conscientização e tudo mais. O que eu ouvi foi isso e a minha opinião é que realmente falou tempo, mas a questão

---

<sup>30</sup> Emily Alves da Cunha Lima.

<sup>31</sup> Oswaldo Fumeiro Alvarez.



de ser mulher eu descarto completamente. Olha que eu sou mulher nessa instituição aqui há três anos, eu sei o que é ser mulher aqui. Não foi pelo fato dela ser mulher, foi o fato de uma série de atitudes também que não foram legais aqui, mas que na inexperiência dela, ela não soube conduzir, mas é na inexperiência. Eu também, no início eu só não meti o pé na porta porque eu sabia que o meu cargo não permitia, que eu não ia ser mandava embora, mas assim, tipo, de não aceitar, de não querer fazer... Isso várias vezes, eu acho que foi um pouquinho de inexperiência de estar em uma instituição que requer um pouco de pé atrás no que faz, e isso faltou um pouquinho, mas ela já tinha estado aqui, já tinha sido treinadora, então acho... O fato de “saiu porque é mulher”, isso eu descarto porque eu sei o que é estar aqui. É, você não tem o mesmo espaço, você não tem o mesmo reconhecimento, mas você consegue fazer as coisas e eu acho que eu sou mais visceral que ela ainda, tipo, quando tenho que brigar eu brigo mesmo. Ontem discuti, eu não deixo para menos. Mas assim, chega uma hora que você também tem que dar um passo atrás e deixar que as pessoas esqueçam de você um pouco. Aí eu fico quieta um, dois meses, depois vou lá pau na cabeça de novo, precisa que seja assim. Então, olha, foi tudo muito rápido, foi tudo muito rápido na questão dela, acho que ela não conseguiu nem entender esse funcionamento. E as pessoas aqui elas querem ser lembradas, você tem que chegar lá e falar: “Bom dia!” Você tem de chegar lá e falar e agradecer., O carioca é muito assim, tem que agradecer mil vezes para ele fazer a obrigação dele. E se você não faz, você é ruim e você é babaca, você é isso, você é aquilo. Então tem que ter essa maleabilidade...

M.M. – Um pouco de relacionamento também...

V.A. – É.

M.M. – Não questão de venda.

V.A. – E acho que faltou um pouquinho, até pela personalidade dela que é mais assim... E que eu tentei dar muito apoio e tal, mas não sei qual é a visão dela nesse quesito. De qualquer forma, a questão de ser mulher eu pessoalmente eu descarto isso, não foi. E vou falar o que eu achei, acho que o grande erro da casa não foi nem retirar, porque se eles tinham essa “não está dando resultado, não vai chegar, lá, lá, lá, lá...” Ok, é uma opção de

---

<sup>32</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Norte.



quem é o tomador de decisão, daí em determinado momento a gente só tem que acatar. Mas eu acho que foi trazer a mesma equipe que estava antes, eu acho que isso foi o agravante, entendeu? Porque se tirassem ela e tentasse alguma outra, seria muito ruim, mas talvez não fosse assim tão agressivo a quem estava de fora, mas assim simplesmente... Eu falei: “Mas deram dez meses de férias para o homem!” Se era para tirar e por de novo foi férias, desculpe, eu falei mesmo aqui: “Porra”, tipo, se não deram chance da coisa acontecer e ai está, então vamos errar com outro então vamos né...

M.M. – É, tem exatamente isso que contribuiu para argumentações de quem não estava aí dentro. Enfim, triste para minha visão porque é uma mulher e querendo ou não quem está fora e pensa em posições, em alcançar essas posições, digamos, quem te ver no cargo na CBF, só em você estar aí já: “Poxa, a Valesca está lá, caramba, o que ela fez? Eu quero estar lá também”. Então a mesma coisa para a Emily, para o cargo que ela chegou, fez muitas técnicas do Brasil até mesmo estudarem mais e se dedicarem mais porque olharam e fizeram: “Olha, ela passou aquele teto de vidro, eu posso passar também!” E aí, quando ela caiu, independente...

V.A. – É, eu acho por isso que assim eu gosto muito de falar que não é questão de ser mulher. Foi questões oficiais da casa de resultados e eu acho deve ter muito mais coisas que eu não sei, entendeu, e que levou a essa decisão, porque foi a... A contratação foi abrupta...

M.M. – A saída também...

V.A. – A saída também. Eu falei isso para o Presidente, eu falei assim: “Não vamos errar novamente, vamos ter calma nas contratações porque a gente já errou duas vezes.” Ele ficou me olhando e eu falei: “Desculpa Presidente mas o senhor errou na contratação, a forma como foi porque ele contratou um antes de demitir o outro.” E isso ninguém sabe. E a mesma coisa, tipo ele contratou, recontratou um antes dela. [TRECHO INAUDÍVEL] Não mais para errar, isso que eu digo, que o profissionalismo não precisa estar aí também, sabe? Mas eu acho assim, sinceramente, eu acho que o fato da saída não fecha uma porta para as mulheres que querem estar aqui como treinadoras. Só que seja sincera comigo, quem a gente tem de opção real para estar aqui?

M.M. – Ela vinha atuando dentro da Copa do Brasil, do Campeonato Brasileiro chegando nas finais alcançado... Realmente o nome era ela em questão de mulher, até porque...

V.A. – É, exatamente. Tem que ser mulher? Qual era a opção? Era ela, *ok*. Mas hoje está, Vadão não foi bem e tal, quem... Porque eles não vão trazer uma de fora, tanto é porque as mulheres de fora hoje elas não se...

M.M. – Talvez aquele que estava no Santos<sup>33</sup> antes. Mas isso é algo que querendo ou não eles teriam que ter pesquisado mais a fundo. É mais fácil você botar alguém que, digamos, você já conhece, assim sabe que tem experiência com a Seleção...

V.A. – Não, mas de mulher? Se não fosse naquele período quem é? Ela estava brigando com quem nessa posição? E hoje? “Não, não pode ser ela” pelas questões do que aconteceu depois a casa não vai trazer. Mas quem é a outra que a gente tem de opção?

M. M. – Eu conheço a Tati aqui, mas ela não tem tanta experiência ainda né...

V.A. – Para uma seleção principal. Por uma base *ok*, a Tati já estava na base, a gente trabalhou junto na base, adoro ela. Mas, seria uma ótima treinadora de base, sem sombra de dúvidas, mas para a principal a gente não tem nomes. Aí quando vem a FIFA e fala, eu falei: “Gente, a gente precisa, a gente quer, mas a gente ainda não tem.” A gente não tem assim: “Vamos escolher entre três.” Qual é a melhor que vai se encaixar melhor no padrão de jogo? Não tem, qual mulher? Quem é essa mulher? Então não adianta também a gente querer e bater na CBF que quer tudo, é o que eu digo: “Quem vem?”. Auxiliar hoje a gente está bem, com a Dani se capacitando e com a Débora<sup>34</sup>, ao meu ver elas fazer um bom trabalho. A Bia Vaz veio para cobrir um *gap* que tinha e está fazendo um trabalho administrativo muito legal também. Então, mas está em formação, ela está em formação, ela sabe disso, ela conversa muito comigo, falou assim: “Valesca, eu estou em formação.” Falei assim: “Você em formação e logo você vai estar pronta” porque ela busca, porque ela quer. Mas quem mais? É fácil dizer: “A gente precisa, precisa, precisa...” E aí? Eu precisei

---

<sup>33</sup> Santos Futebol Clube.

<sup>34</sup> Débora Ferreira.

fazer um torneio aqui e precisamos de gente, se pega as gurias assim acadêmicas e tal, que sabem que tem interesse, mas sabe... Ai quando chega, acha que “Ah não, porque foi fulana, porque foi cicrana, que quer isso, que quer aquilo...” Não é assim também, aqui é o meu trabalho é de peão, é ir na porta ficar esperando uma, duas horas para ser atendida, é isso, é aquilo e às vezes a pessoa não entende que é assim. A casa é assim, se eu não ficar esperando uma hora na porta de um diretor ele não vai me atender, se ele me atender eu não tenho decisão. Então, falo assim: “Vou ficar aqui esperando ele me chamar ou não vou para frente” Então eu pego lá o meu celular e fico esperando quanto for preciso para ter o cheque assinado, para ter um orçamento aprovado. Mas quando a gente fala assim..., Precisa, concordo, quero que tenha muito mais mulher, quero que todos os eventos que eu faço, que eu posso escolher sempre assim coloco, mas tem que ter capacitação, não adianta ser mulher por mulher que vai fechar as portas. Eles já estão esperando um motivo para desvalorizar, se a gente traz uma pessoa que não é capacitada aí é... Fato.

M.M. – A CBF tem feito mais, digamos, atitudes para dar abertura em cursos, em capacitações? Porque eu já vi muito de se falar que um curso é, digamos assim, cinco mil reais e aí acaba que a pessoa tem o interesse, mas ela não ganha nem como profissional então...”

V.A. – Bom, mas o curso é cinco mil reais para quem quiser fazer, para o homem também é cinco mil reais. Então, essa parte que a gente também tem que entender porque se for, só vier porque tem a bolsa a gente consegue algumas bolsas caso a caso. Não tem um programa de bolsa: “Eu fui, isso e aquilo...” Até foi, uma das sugestões das meninas que acabou não indo para frente, eu até concordo “x anos na Seleção, x anos em clubes pode fazer um desconto profissional.” Eu acho que seria o ideal, mas isso não foi implantado. Mas o curso que custa cinco mil reais até para quem não é do futebol, para quem quer fazer uma transição de carreira, para quem sabe um próprio curso de gestão. Aqui tem muito ex-atleta, tem muita gente querendo fazer a transição, sair do mercado financeiro, sair da parte administrativa de grandes empresas para entrar no futebol. O valor é para todos, se a gente pautar de que a mulher tem...” A gente abre um nicho de diferenciação muito pejorativo, muito negativo, que a gente acha “vou tirar vantagem que eu vou pagar menos”, mas na verdade você avista nesse mundo de uma outra forma também. O que a gente consegue

ajudar com bolsa a gente faz um estudo caso a caso. A própria Rosana<sup>35</sup> que acho que está aí com vocês, ganhou bolsa da Federação Paulista. Hoje treinadora da Ponte Preta<sup>36</sup> que era de um projeto bem menor ganhou bolsa quando ela estava nesse projeto melhor, aí ela chegou na Ponte, ela pegou e conseguiu fazer a Licença A<sup>37</sup>. Tipo, a gente vai dando oportunidade, mas vai muito da pessoa, tipo, a treinadora, a auxiliar do Duque de Caxias<sup>38</sup> ganhou bolsa, tem um projeto social que é dela. A menina lá acho que ela está no Minas hoje em Brasília, mas é caso a caso, caso a caso. E também você pega o histórico, você pega qual é a possibilidade de aproveitamento disso, não para simplesmente “a fulana de tal quer...” “Vamos dar!” Nem no masculino também não fazem sabe. Então...

M.M. – Só mais duas perguntas: É, quanto ao departamento que tinha feito, que até o grupo<sup>39</sup> que a minha professora participou, a Silvana, ele foi feito e foi desfeito, e outra polêmica... Eu queria saber de você como você viu, eu sei que você participava das reuniões, você se não me engano era representante da CBF nessa comunicação. E, digamos, elas não tinham interesse de fazer parte da CBF, elas tinham realmente esse interesse de comunicação e aí digamos, o Presidente, simplesmente mandou um ofício, digamos, comunicando que não queria mais o diálogo, agradecendo e tudo mais. Não estava sendo positivo? Não contribuiu ou contribuiu e aí já não precisava mais...

V.A. – É, a gente vai falar aqui... Vou falar bem sinceramente, não falei isso nem no grupo, nem para a Silvana. Não sei como isso vai ser interpretado, mas na verdade, decisões de ímpeto. O que acontece? Para que que foi criado aquele grupo? Nem elas sabiam, eu que coordenava e muito menos a casa sabia. Tipo, foi uma decisão no ímpeto: “Vamos fazer um grupo aqui para conversar”. O diálogo nunca foi fechado, tanto que quando a Silvana quer falar comigo eu atendo. O Marco Aurélio<sup>40</sup> atende, se precisar falar com você mais vezes a gente vai falar, se precisar falar com elas mais vezes a gente vai falar. Só que a gente vai conversar, foi o que o Presidente falou, a gente quer conversar. Ele deu o número próprio dele, então questão de comunicação, isso... Claro, tipo, cara ele não te atender na hora que você ligar e o que é principal, o que é muito difícil entender que o fato de não

---

<sup>35</sup> Rosana dos Santos Augusto.

<sup>36</sup> Associação Atlética Ponte Preta.

<sup>37</sup> Licença A – Treinador de Futebol.

<sup>38</sup> Duque de Caxias Futebol Clube.

<sup>39</sup> Grupo de Trabalho de Desenvolvimento do Futebol Feminino.

responder o que as pessoas querem ouvir, não quer dizer que a gente não concorde, que a gente não ache que precise [FALHA NA COMUNICAÇÃO]

M.M. – Oi. Oi. Está me ouvindo? Oi? Calma Valesca, está travando aqui. Oi. Oi.

[FALHA TOTAL NA COMUNICÇÃO]

M.M. – Oi?

V.A. – Oi.

M.M. – Tinha travado tudo aqui.

V.A. – Foi, são decisões no ímpeto, entendeu? “Vamos criar um grupo!”. Só que assim, seria interessantíssimo se este grupo tivesse as pessoas de tomada de decisão, que foi o que aconteceu na primeira reunião<sup>41</sup>: estavam os diretores, então elas perguntavam e o diretor financeiro respondia. Perguntavam, o diretor de competições respondia. E elas tinham a resposta que queriam ou não, mas elas tinham uma resposta. A hora que passa para mim, que eu tenho que ficar perguntando para as pessoas, essa comunicação... O que eu pude responder, eu respondi. O que era da minha alçada, eu respondi. Mas não era isso que elas queriam saber, a expectativa delas... E eu não acho que estavam erradas em momento algum, falei mil vezes para a Juliana<sup>42</sup>, falei assim: “Eu concordo com vocês em tudo que vocês estão pedindo, estou aqui há três anos tentando implantar.” “Pois é, a gente está esperando a trinta.” Concordo também que o sistema é lento, que a coisa começou a mudar faz muito pouco tempo. A questão do grupo começar e terminar na verdade é uma Portaria<sup>43</sup>, daí a Portaria ela tem início e fim, aí um dia ele resolveu que... O que aconteceu? A gente fazia reunião mensal e todo mês eu subia e dava uma pauta para ele, aí tinha uma hora que provavelmente encheu o saco. “[TRECHO INAUDÍVEL] então agora vamos acabar!” Eu falei: “Mas Presidente...” Acho não deveria então ser nessa pegada, não

---

<sup>40</sup> Marco Aurélio Cunha.

<sup>41</sup> Reunião realizada no dia 17 de outubro de 2017 coordenada por Marco Polo del Nero, Presidente da CBF com o objetivo de estabelecer um diálogo com as jogadoras e ex-jogadoras que se manifestaram em função da demissão da treinadora da seleção, Emily Lima.

<sup>42</sup> Juliana Ribeiro Cabral.

<sup>43</sup> Portaria Pre nº15/2017.

deveria nem ter começado. Porque assim, cria-se expectativa, abre-se um espaço que depois vai fechar.”

M.M. – E nesse dialogo as ex-jogadoras também ganharam vozes. Então, digamos, agora é que está tendo um retorno, de certa maneira não a tudo, mas algumas coisas foram atendidas. Então a gente pode, a partir de uma análise mais geral, dizer que teve pontos positivos né...

V.A. – Acho que sim. A questão do financeiro, da gente tentar estruturar melhor para que elas entendam o que elas recebem e o que elas não... Porque uma das reclamações era isso, a gente está tentando fazer tipo um descritivo e para que elas saibam que questão de desconto e tal... É, muito pouco, tipo, as grandes mudanças não são assim. Também tem muito, como fala? Eu sei que tem meninas ali que tão esperando há trinta anos uma mudança, mas não vai adiantar, infelizmente não vai adiantar elas baterem nos caras. Em mim? Eu não estou nem aí porque eu sei que vão bater mesmo, porque me criticam para caramba e tal, mas... É, mas eu assim: vai bater em mim, vai ficar aqui porque como eu não decido, só uma reclamação. Mas se bate neles as portas se fecham, entendeu? E teve uma ou duas que foram um pouco mais ácidas em alguns comentários no dia que, tipo, acaba perdendo a razão, entendeu? E na hora que você perde a razão é um grupo de meninos, eles se fecham e: “não, não, não!” E por que que acabou? Acabou porque era uma portaria que tinha começo e fim, como acabou o outro só que aquele durou mais tempo, durou um ano e meio e tudo mais. Ao meu ver acho que o canal de comunicação tinha que ser aberto diretamente, precisou, ligou, falou, comigo, com o Marco Aurélio, elas não gostam do Marco Aurélio, em todo caso, ele que está no comando ou falar com o Manoel Flores a respeito de competições, ou ter um interlocutor aqui que até poderia ser eu mesma e a condução seria de uma outra forma. Só que quem solicitou quer resposta, quem pergunta quer resposta. E elas sempre perguntavam e nunca a resposta autorizada era a que elas queriam ouvir ou pelo menos uma resposta real. E eu mesma falei: “Cara, para mim é muito difícil porque eu tenho que ficar encarando querendo a mesma coisa que elas querem e dizendo outras coisas que eu também brigo internamente aqui para conseguir.” Entendeu? É tanto que eu levei a Bia, que eu levei várias pessoas para falar dos pontos positivos para que, tipo, pelo menos elas tivessem uma ideia de que ainda tem coisas boas que acontecem, talvez não na expectativa e no grau que elas esperam. Infelizmente a

realidade foi essa, se criou para logo depois se interromper, mas é como a casa funciona, aí vai ter que ter um próximo movimento para que as coisas melhorem.

M.M. – Você falou que tem os pontos positivos e já para encerrar, já tomei muito do seu tempo... Como eu falei, o meu projeto pensa nessa perspectiva de como vai ser, de como foi de 2015 até como vai ser 2020 quando eu vou estar defendendo. Então queria saber diante da posição que você está, qual é a visão que você tem para o futebol brasileiro de agora para frente quanto a crescimento, quanto a participação da CBF?

V.A. – O crescimento, pelo menos o que eu vejo que é mais palpável, é essa melhoria do Brasileiro e essa capilarização de fortalecimento dos Estaduais, isso, digamos, nacionalmente. Eu acho que é isso e que isso é importante porque a partir do momento que você fortalece o local, você consegue... Porque o Brasileiro vai acabar sendo sempre isso, alguns que chegaram como é no próprio masculino. Mas na hora que você fortalece localmente, não digo nem só estadual, mas as vezes regional, você acaba tendo um ganho perto da sua casa, entendeu? Você não vai viajar para carnaval do Rio de Janeiro, mas você vai pular o carnaval no clube da sua cidade e você vai se divertir também e dali você vai sair dois, três ou quatro que vão chegar em outro... Mas acho que isso de você ter a opção próximo, você ter escolha próxima, é muito importante, acho que isso sim vai fortalecer. E aí vai crescendo. É, a implantação de uma competição de base eu acho que é primordial e é uma coisa que já se está se falando com mais frequência que já se tem. E hoje dentro das seleções é essa questão de estruturar melhor as suas comissões da base, isso eu posso falar porque vai ser o meu trabalho, a minha luta diária. Eu acho que dá para se esperar ter-se uma esperança maior nessa Seleção Sub-20 que é uma geração muito boa, então, mesmo que não se consiga um resultado no Mundial, em termo de material humano é diferenciado. A gente mais de onze grandes atletas, a gente tem as onze titulares e mais no banco, grandes atletas, então, eu acho que essa geração que está vindo é algo bem legal. A gente pode pensar em algo para os Jogos Olímpicos de Tóquio que vai ser o ano da sua defesa e conseguir estruturar ou pelo menos implementar uma Sub-15 de preparação, talvez não tenha competição, mas uma Sub-15 já para você ter uma Sub-17 mais forte. Isso é o que eu vejo. Em questão da principal eu acho que a classificação e o título da Copa América é quase que uma obrigação para você conseguir garantir pelo menos mais três anos de trabalho, que é 2018, 2018 e 2020 que a gente finaliza com os Jogos Olímpicos, eu acho



que em termos de América do Sul é praticamente uma obrigação essa classificação. E aí para o Mundial e tudo mais vai depender muito do que eles se programarem, do que dá continuidade que eles próprios têm muito receio, não sabem o que acontece depois de abril. Então, se eles têm receio, imagina eu que não estou nesse dia a dia deles ali [RISOS]. Então, mas o que eu vejo é isso, tipo, aí tem o que eu gostaria que seria muito mais cursos de capacitação para as mulheres, treinadoras e tudo mais, que abrisse esse espaço, que a gente tivesse opção de escolha, que elas tivessem mais oportunidades nos clubes e tudo mais. A obrigatoriedade...

M.M. – Outro espaço também seria a arbitragem, não é?

V.A.- É, a arbitragem na questão feminina ela é bem desenvolvida.

M.M. – Crescente, está crescendo.

V.A. – É. Está crescendo e tem um espaço muito bom, é muito bem trabalhado lá. Então para quem tem esse interesse eu acho que é até um caminho que já está bem mais trilhado, bem mais claro para seguir. E eu acho que esse crescimento do feminino é meio que obrigatório, não tem muito como voltar, principalmente com a obrigatoriedade para 2019 e tal, a gente não sabe exatamente como mas os clubes vão ter que ter. Então, eu acho que é mais fazer uma leitura do que se quer, aonde quer atuar e ver a melhor forma de chegar nesses clubes, porque não tem volta: se ele quiser participar da Libertadores ele vai ter que o feminino de alguma forma, então os esforços estão aí.

M.M. – Eu disse que era a última pergunta, mas eu lembrei de uma coisa rapidinha, é só sobre... É, porque quando a Emily estava aí, ela iniciou um processo de cadastramento das atletas e tudo mais. Só queria saber se ele continua, porque querendo ou não, é um espaço de dados que os próprios clubes podem atender para o trâmite e tudo mais. Eu queria saber como está?

V.A. – Eu posso levantar para você e te responder posteriormente, porque esse da principal eu não tenho. Eu sei que da base é feito observação, não sei se tem o registro, mas assim foi feito no pré Sul-Americano, foi feito muita observação e tem as anotações, não sei se o



sistema de registro... Não sei te responder agora, posso levantar e te passar depois. Da principal realmente eu não sei, o da base eu sei que foi feito análise, foi feito observação e foi trazido. Teve convocações de observações, de meninas novas que era a primeira vez que estavam sendo convocadas só para elas, para não ficar aquela coisa de menina que já vem, que já tem toda malícia, já sabe como funciona e aquelas meninas mais novas perdidas e tal. Então teve convocações de observação que eram meninas que eram convocadas a primeira vez para ver como elas saiam para vir nas convocações, digamos, oficiais. Todas eram oficiais, mas assim de um grupo já mais experiente já com mais vivência de Seleção. Isso foi feito uma base, questão de registro eu não sei te dizer como foi feito.

M.M. – Se você puder ver eu agradeço por ter... Eu sei que muitas aqui do Inter conseguiram ir da categoria de base e tudo mais, então se puder ver isso, para saber... Isso contribuiria para saber quanto aos espaços que ela tem alcançado. Que é passo a passo, elas alcançaram entrar no Inter, alcançaram participar do Estadual. Então, estar representando em algum momento, mesmo que por observações, na CBF, de ir na Granja, já é um momento muito marcante para elas que provavelmente nunca pensaram que chegariam. Bom Valesca, eu sei que eu tomei muito do seu tempo. Muito obrigada mesmo, você foi super querida em ter falado muito. E eu só tenho que agradecer.

V.A. – Ok. Se tiver alguma dúvida, quiser rever alguma coisa me manda por *whatsapp*, a gente vai falando sem problema nenhum. Semana que vem eu estou fora do Brasil, mas eu já volto na outra e estou disponível. Eu agradeço também pelo espaço e pelo super interesse aí. Com certeza a contribuição é de suma importância.

M.M. – Obrigada por tudo aí que você tem feito.

V.A. – Imagina. É um prazer. Manda um beijo pra Silvana.

[FINAL DA ENTREVISTA]